

Uma enfermeira segurou a porta para eles entrarem. Primeiro o juiz McKelva, em seguida a filha, Laurel, e por último a esposa, Fay, penetraram no gabinete sem janelas onde o médico ia observá-lo. O juiz McKelva era um homem alto e pesado, de setenta e um anos, que habitualmente usava os óculos presos a uma fita. Com eles na mão desta vez, sentou-se na cadeira elevada, como um trono, mais alta do que o banco do médico, com Laurel de um lado e Fay do outro.

Laurel McKelva Hand era uma mulher esguia, na casa dos quarenta, de semblante sereno e cabelo ainda escuro. A roupa que vestia tinha um corte e uma textura interessantes, embora o *tailleur* fosse um pouco invernosos para Nova Orleães e a saia apresentasse um vinco vertical. Os olhos azul-escuros denotavam insónia.

Fay, pequena e pálida, com um vestido de botões dourados, batia levemente no chão com o pé enfiado na sandália.

Era uma manhã de segunda-feira do início de Março. Nenhum deles vivia em Nova Orleães.

À hora exacta, o Dr. Courtland atravessou a sala em passo largo e apertou a mão ao juiz McKelva e a Laurel. Teve de ser apresentado a Fay, que era casada com o juiz havia apenas ano e meio. Em seguida o médico sentou-se no banco, com os calcanhares apoiados na travessa. Ergueu o rosto numa expressão atenciosa e reconhecida, como se fosse ele que tivesse esperado pelo juiz McKelva em Nova Orleães, para lhe dar um presente ou para receber um do juiz.

«Nate», dizia o pai de Laurel, «talvez o problema seja apenas eu já não ser tão novo como dantes. No entanto, admito que se passa algo de errado com os meus olhos.»

Como se dispusesse de todo o tempo do mundo, o Dr. Courtland, oftalmologista de renome, cruzou as grandes mãos de camponês, com aqueles dedos que sempre haviam sugerido a Laurel que bastava que tocassem no vidro de um relógio para sentirem na pele que horas eram.

«Este pequeno distúrbio teve origem no dia do aniversário de George Washington», disse o juiz McKelva.

O Dr. Courtland fez um gesto de assentimento, como se aquele dia fosse bom para isso. «Fale-me sobre o pequeno distúrbio», disse.

«Tinha voltado para dentro. Estivera a podar um pouco as roseiras; aposentei-me, como sabes. E pus-me ao fundo do alpendre da frente, em pé, de olho na estrada... A Fay escapulira-se para qualquer parte», disse o juiz McKelva, presenteando-a com o seu sorriso afável, que tanto se parecia com uma carranca.

«Estava simplesmente na vila, no salão de beleza, para a Myrtis me enrolar o cabelo», disse Fay.

«E vi a figueira», prosseguiu o juiz McKelva. «A figueira! A deitar lampejos daqueles velhos espanta-pássaros que a Becky achou por bem amarrar-lhe, anos atrás!»

Ambos os homens sorriram. Eram de gerações diferentes, mas do mesmo sítio. Becky era a mãe de Laurel. Aqueles pequenos reflectores de fabrico caseiro, rodela de lata, não bastavam, nem por sombras, para afastar os pássaros dos figos em Julho.

«Nate, tu lembras-te tão bem como eu, a árvore encontra-se entre o meu quintal e o sítio onde a tua mãe teve a vacaria. Mas cintilou direito a mim, estando eu a olhar na direcção do Palácio da Justiça», continuou o juiz McKelva. «De maneira que fui obrigado a concluir que comecei a ver o que se passa atrás de mim.»

Fay riu-se, num único tom alto, zombeteiro como o gorjeio de um gaio.

«É perturbador, sim.» O Dr. Courtland fez o banco rolar para a frente. «Ora vamos lá ver isso bem.»

«Eu já vi. Não me pareceu que alguma coisa tivesse entrado para o olho», disse Fay. «Uma das roseiras bravas pode ter-te arranhado, jóia, mas não deixou nenhum espinho.»

«Pois claro, a memória atraiçoou-me. A Becky diria que foi muito bem feito! Antes da floração, é a altura errada para podar uma roseira de trepar», continuou o juiz McKelva, no mesmo tom confidencial; o rosto do médico estava muito próximo do seu. «Mas a roseira de trepar da Becky, já me apercebi, dificilmente sofrerá um revés.»

«Dificilmente», murmurou o médico. «Creio que a minha irmã ainda possui uma, de uma estaca cortada da roseira de trepar de Miss Becky.» Mas o seu rosto tornou-se muito sereno, ao debruçar-se para apagar as luzes.

«Está escuro!», disse Fay com um gritinho. «Mas que necessidade tinha ele de ir lá para trás, enlear-se naquelas sarças? Só porque me ausentei de casa um instante?»

«Porque o aniversário de George Washington é, por tradição, o dia em que se podam as roseiras lá na terra», disse a voz amável do médico. «Devia ter pedido à Adele que fosse até lá e lhas podasse.»

«Oh, ela ofereceu-se», disse o juiz McKelva, e descartou o assunto com um ligeiro movimento da mão. «Acho que nesta altura eu já devia ter sido capaz de lhe apanhar o jeito.»

Laurel já o observara a podar. Segurando na podadeira com as duas mãos, executava uma espécie de sarabanda muito séria, dando um corte para este lado, depois um corte para o outro lado, como se estivesse a fazer vénias ao seu par, e deixava o arbusto que parecia um quebra-cabeças.

«Teve outros distúrbios depois disso, juiz Mac?»

«Bem, uma turvação. Nada que chamasse a minha atenção como o primeiro distúrbio.»

«Então, porquê não deixar a natureza agir?», interrompeu Fay. «É o que lhe estou sempre a dizer.»

Laurel acabara de chegar do aeroporto; viera de Chicago num voo nocturno. O encontro fora inesperado, combinado por telefone na noite anterior. Da velha casa em Mount Salus, Mississípi, o pai gostava mais de telefonar do que de escrever, mas esta conversa fora curiosamente hesitante da parte dele. No último instante, dissera-lhe: «A propósito, Laurel, ultimamente tenho notado uma pequena interferência na minha visão. Talvez aproveite para dar ao Nate Courtland a oportunidade de ver o que acha.» E acrescentara: «A Fay diz que vai comigo, para fazer umas compras.»

Admitir que estava preocupado era tão insólito nele como ter um problema de saúde, por isso Laurel meteu-se no primeiro avião.

O olho brilhante e aflitivamente pequeno do instrumento estava suspenso entre o rosto imóvel do juiz e o rosto oculto do médico.

Por fim as luzes do tecto voltaram a iluminar-se e o Dr. Courtland pôs-se em pé, perscrutando o juiz McKelva, que o perscrutava também.

«Calculei que te trazia aqui um bico-de-obra para te entreteres», disse o juiz McKelva, na mesma voz cooperante que, antes de se aposentar da magistratura, usava para transmitir uma sentença.

«A sua retina direita sofreu um descolamento, juiz Mac», disse o Dr. Courtland.

«Muito bem, podes consertá-la», respondeu o pai de Laurel.

«Tem de ser tratada sem mais perdas de tempo, que é precioso.»

«Certo, quando podes operar?»

«Só por causa de um arranhão? Por que razão não se deixaram morrer aquelas roseiras velhas?», gritou Fay.

«Mas este olho não foi arranhado. O que sucedeu não ocorreu no exterior do olho, mas sim no interior. Assim como os relâmpagos. Foi na parte do olho com que ele vê, Mrs McKelva.» O Dr. Courtland, afastando-se do juiz e de Laurel, chamou Fay para junto do quadro pendurado na parede. Exalando perfume, ela aproximou-se. «Aqui é o exterior e aqui é o interior do nosso olho», disse-lhe. Indicou, no diagrama, o que seria necessário fazer.

O juiz McKelva inclinou-se para falar com Laurel, sentada numa cadeira mais baixa do que ele. «Este olho afinal não me estava a pregar partidas!», pronunciou.

«Não vejo por que motivo isto tinha de me acontecer a mim», reclamou Fay.

O Dr. Courtland acompanhou o juiz até à porta e ao corredor. «Por favor, sinta-se à vontade no meu consultório e permita que a minha enfermeira o mace com mais algumas perguntas, está bem?»

Quando voltou para a sala de exames, sentou-se na cadeira dos pacientes.

«Laurel», disse, «não quero ser eu a fazer esta operação.» Acrescentou à pressa: «Continuo a sentir muito o que se passou com a

tua mãe.» Voltou-se para Fay, dirigindo-lhe o que devia ser o seu primeiro olhar directo, e disse-lhe: «A minha família conhece a do juiz há imenso tempo» — uma frase que nunca se diz senão para avisar acerca do indizível.

«Qual a localização da laceração?», perguntou Laurel.

«É quase ao centro», respondeu o médico. Ela susteve o olhar, e ele acrescentou: «Não há tumor.»

«Antes que o deixe sequer tentar, creio que tenho o direito de saber se ele ficará a ver bem», disse Fay.

«Bom, isso em primeiro lugar depende da extensão da laceração», explicou o Dr. Courtland. «Em segundo lugar, de o cirurgião ser bom costureiro, e depois, de como o juiz Mac acatar as nossas ordens; e por fim depende ainda da vontade do Senhor. Esta menina lembra-se.» Acenou com a cabeça na direcção de Laurel.

«Uma operação não é coisa que se decida fazer do pé para a mão, isso é o que eu sei», disse Fay.

«Decerto não quer que ele espere até perder por completo a visão daquele olho. No outro tem uma catarata em formação», respondeu o Dr. Courtland.

«O pai? Tem?», perguntou Laurel.

«Encontrei-lha antes de deixar Mount Salus. Vem-se arrastando há anos, sem pressas. Ele está ao corrente; pensa que ela não avançará.» Sorriu.

«Como a da mãe. Foi assim que ela começou.»

«Sabes, Laurel, não tenho grande imaginação», disse o Dr. Courtland. «Por isso, vou com cautela. Eu era muito chegado a eles, lá em casa, tanto ao juiz Mac como a Miss Becky. Acompanhei aquilo que aconteceu à tua mãe.»

«Eu também lá estava. Sabes bem que ninguém poderia culpar-te, nem ousar pensar que poderias ter evitado...»

«Se nessa altura soubéssemos o que sabemos hoje! O olho era apenas uma parte do problema», disse ele. «No que respeita à tua mãe.»

Laurel olhou um momento para aquele rosto cheio de experiência e tão genuinamente honesto. Transparecia nele a região do Mississípi, de onde era originário.

Pôs-se em pé. «É claro, se me pedires que o faça, faço», disse. «Mas preferia que não mo pedisses.»